



Vovós feiticeiras: algumas reflexões sobre tristes relatos de idosas moçambicanas¹

Granny witches: reflections on the sad stories of older Mozambican women

Mercedes Sayagues
Salane Muchaga
Terezinha da Silva

RESUMO: Este artigo tem por objetivo trazer algumas reflexões, e alertar a sociedade para os vários tipos de violência que enfrentam as idosas em Moçambique: perda de bens, terras e morada, violência física, sexual, psicológica, abuso financeiro; isto é, o uso ilegal e não autorizado dos bens, dinheiro, pensão ou outros bens de valor da pessoa idosa, incluindo falsificar o testamento do idoso para incluir o perpetrador como herdeiro, expulsão da casa onde vive com a acusação de serem feiticeiras, até chegar a seu assassinato. Para além disso, as idosas confrontam-se com a dilema de terem sob sua responsabilidade crianças órfãs do HIV/SIDA e outras doenças, quase sem o apoio do Estado. Particular realce se dá às acusações de feitiçaria em que a Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique (AMETRAMO) e os curandeiros intervêm de duas formas: quer com o papel de acusador, instigador da violência, quer como alvo da

¹ Este artigo resulta de reflexões/problematizações sobre a velhice feminina em Moçambique, advindas de matéria feita pela jornalista Salane Muchaga, no jornal *Savana*, de 17/12/2010: 30-1, intitulada “Aumenta a violência contra idosas: as Vovós Feiticeiras”, e de respostas a entrevistas concedidas sobre essa temática no mesmo veículo midiático, por Fernando Malhe (jornalista do *Savana*) e Terezinha da Silva, uma das autoras do presente artigo.

violência. O conceito feitiço está presente no cotidiano e na vida social e nas relações sociais de muitos moçambicanos que tentam encontrar a causa dos seus problemas no feitiço e, sob esta óptica, as idosas são o bode expiatório dos males. Por outro lado, a constatação da alta mortalidade de jovens adultos, quer devido ao HIV/SIDA quer por outros motivos, e o número de pessoas idosas sobreviventes aos inúmeros males da sociedade, criam suspeitas sobre a razão da sua longevidade que atribuem, muitas vezes, à feitiçaria.

Palavras-chave: Idosa; Violência; Feitiçaria.

***ABSTRACT:** Particular attention is paid to the accusations of witchcraft, in which the Traditional Doctor's Association of Mozambique (AMETRAMO) and traditional healers play two roles: one as the accuser and instigator of violence, and the other as the target of that violence. The idea of witchcraft is an integral part of daily life and social relations, and many Mozambicans like to think it is the cause of their problems: in this sense older women are the scapegoats for their ills. At the same time the reality of high mortality rates among young adults due to HIV/AIDS and other causes, together with the number of older people who have survived these evils, gives rise to suspicions as to the reasons for their longevity, which is often attributed to witchcraft. Particular attention is paid to the accusations of witchcraft, in which the Traditional Doctor's Association of Mozambique (AMETRAMO) and traditional healers play two roles: one as the accuser and instigator of violence, and the other as the target of that violence. The idea of witchcraft is an integral part of daily life and social relations, and many Mozambicans like to think it is the cause of their problems: in this sense older women are the scapegoats for their ills. At the same time the reality of high mortality rates among young adults due to HIV/AIDS and other causes, together with the number of older people who have survived these evils, gives rise to suspicions as to the reasons for their longevity, which is often attributed to witchcraft.*

Keywords: Older women; Violence; Witchcraft.

Introdução

Algumas idosas em Moçambique são acusadas de feitiçaria e linchadas pelos seus familiares. Outras são abandonadas, expulsas de suas casas, maltratadas pelos parentes quando estes pretendem lhes tirar algum bem. Ainda há aquelas violadas sexualmente o que é licenciado por certos tabus. A violência contra as idosas não apenas se constata; o preocupante é que está a aumentar na sociedade moçambicana. As políticas públicas parecem não conseguir dar conta dessa triste realidade, manifesta por relatos dramáticos aqui trazidos da situação de algumas idosas e que clamam uma escuta pela sociedade moçambicana e internacional.

Na atualidade, o processo de envelhecimento torna-se objeto de pesquisas em todo o mundo, não estando estas limitadas a aspectos relativos à saúde e socioeconômicos, mas se tornando uma preocupação de várias áreas da ciência, pelas necessidades e exigências de um mundo que envelhece.

Em Moçambique, local da presente pesquisa, as estatísticas mostram que, em 2025, o grupo populacional de pessoas idosas irá crescer de 4% em 2010 para 9%, o que implica a necessidade de se olhar com uma abordagem multidisciplinar a terceira idade. Por outro lado, as políticas públicas deveriam prever, na verdade, as necessidades das pessoas da terceira idade, de diferentes níveis socioeconômicos quando deixam de ter a sua autonomia de vida. Portanto, na medida em que a população idosa em Moçambique cresce (estimada pelo Censo de 2007 em cerca de 1 milhão de moçambicanos com mais de 60 anos), pode-se prever que a violência e os abusos contra as pessoas idosas aumentem. O ideal seria que tais problemáticas tão sérias fossem amplamente reconhecidas, e o país pudesse abordar o problema como um todo nas estratégias existentes de combate à pobreza.

A seguir, alguns relatos da situação de algumas idosas, relatos que problematizam a preocupação que provoca as presentes reflexões:

“Os meus filhos não me querem. Não visitam porque alegam que sou feiticeira”: assim diz Neli Fumo, 103 anos de idade, mãe de dois filhos e “tantos netos”; vovó Neli, como é conhecida no bairro, que deveria viver rodeada de carinho e respeito.

Em vez disso, Neli, que não consegue andar, nem engatinhar, passa os dias sozinha, sentada no chão de cimento da sua casinha de madeira e zinco, no bairro periférico de Hulene B, em Maputo.

Limita-se a rastejar para puxar o prato de comida e a chávena de água, oferecidos por vizinhos de boa vontade. Vovó Neli não consegue vestir-se sozinha. Passa dias sem que tome banho ou escove os dentes. Defeca e urina na bacia ao lado da esteira. *“Até aqui (13 horas) ainda não consegui tirar a minha sujidade do quarto. A alma quer, mas o corpo já não aguenta”*, suspira.

Não há energia na casa. Quando cai o sol, fica sozinha com seus pensamentos e suas lembranças duma vida feliz, quando cantava no coro da igreja de Mavalane e era a esposa respeitada de um empregado. *“Os meus parentes aliviaram-se de mim, mas esquecem que todos chuparam os meus seios e levei-os à escola”*, desabafa.

De vez em quando, um neto leva-lhe tomate e cebola. A sua única ajuda é o Centro Dia de Idosos de Hulene. Cada manhã, um voluntário leva-lhe o matabicho, ajuda-a a vestir, esvaziar a bacia e limpar o quarto, porque, com a escuridão, a vovó não consegue ver a bacia. Uma vez vestida, a casa limpa, vovó Neli sorri. O seu bom humor impressiona. Consegue lembrar-se dos hinos da igreja e canta, junto com o voluntário, com uma voz ainda forte e entoada. *“Eu era feliz naquela época”*, lembra-se ela, melancólica. Neli Fumo sofre em silêncio, esquecida pelo mundo.²

Não é diferente o relato de Lucinda João Cossa, que vive no Lar Nossa Senhora dos Desamparados:



‘Eu vendia carvão no mercado Malhangalene, em Maputo. Quando meu marido morreu, passei a viver com o meu irmão em sua casa. Comecei a ter problemas de vista. E ao invés de o meu irmão levar-me ao hospital, levou-me a Xai-Xai, província de Gaza, na casa do meu filho. Fiquei lá quase um ano sem nenhuma assistência médica. Passei fome. Só ouvia o tocar dos pratos e o cheiro da comida quando passavam refeições. O meu filho acusou-me de ser feiticeira e levou-me à casa do meu irmão. Ele renegou-me. Levaram-me para o Lar dos Desamparados. O meu filho obrigou-me a dizer às irmãs que ele não era meu filho, que ele me encontrou abandonada na rua. Deixou-me aqui já vai um ano e nunca mais pôs cá os pés. Não sei nada do paradeiro da minha filha. Venderam os bens, nem sei o que fizeram com as minhas roupas.’

² Fragmentos do depoimento de Neli Fumo extraídos do jornal *Savana*, de 17/12/2010: 30-1.

Na situação atual de Moçambique, em que há uma evidente desigualdade de oportunidades e de desenvolvimento socioeconómico entre as zonas urbanas e rurais, com os jovens emigrando para as cidades ou para a África do Sul em direção às minas ou *farms* agrícolas, as mulheres idosas ficam desamparadas e vulneráveis a todo o tipo de abuso. Há evidências, contudo, como vemos no caso acima, em algumas zonas do nosso país, da importância da ajuda aos idosos pelas organizações religiosas e outros grupos da sociedade civil ligados à Igreja, o que prova a necessidade de capacitar grupos de voluntários para apoio às pessoas idosas que vivem sós.

Em nível institucional, os departamentos de apoio à pessoa idosa do Ministério da Mulher e de Ação Social são centros de recursos para a canalização dos problemas das pessoas idosas; as ONG's tais como APOSEMO, a Helpage internacional, o Fórum da Terceira Idade constituem um recurso, porém ainda muito limitado, de apoio à pessoa idosa.

A crise de valores, a tendência para a nuclearização da família, a falta de noções sobre a questão do envelhecimento no ensino formal em todos os níveis, de direitos humanos, de solidariedade e de respeito pelo outro, são fatores que conduzem à degradação do relacionamento entre jovens e pessoas idosas.

Representativo dessa situação é triste relato de Alice Tembe, acolhida pelo Centro Dia Idosos de Hulene. A seguir seu depoimento.

Espancada pelo neto



“Sou viúva. Os meus filhos e netos rejeitam-me. A pensão de 100 meticais mensal que o Estado dá é muito pouca. O meu neto está a mandar-me embora de casa. Diz que já não me quer. Mas o terreno é meu. Ele destruiu a minha casa de caniço e construiu outra de pedra. Um dia levou catana e espancou-me para me pressionar a sair de casa, mas, para onde irei? Vendia bebida caseira e ele despejou alegando que é sujidade e que ele não quer ver a casa suja. Tento vender pão, mas ele continua com o mesmo comportamento. Deita o pão. Sobrevivo graças ao Centro onde passo as minhas refeições durante o dia. Volto para casa para dormir, mas sempre com o coração na mão.”

A maior violência contra as pessoas idosas se vê nas próprias famílias, encobertos que ficam os familiares pela própria vítima. A atual Lei da Violência

Doméstica praticada contra a Mulher, aprovada em 2009, apenas inclui casos de violência doméstica contra a mulher numa relação conjugal. Contudo, a Lei da Família, aprovada em 2004, contempla a obrigatoriedade de os filhos sustentarem seus pais em caso de necessidade. A ignorância, porém, sobre este fato e a morosidade de tramitação dos casos processuais dificultam o recurso a esta legislação.

Por outro lado, há uma estratégia do Governo de proteção e defesa da terceira idade, mas que não tem valor vinculativo; torna-se de extrema importância a criação de uma Lei específica de proteção e defesa à terceira idade, já que esperar isso das famílias parece ser impossível na atualidade, conforme se pode depreender do depoimento a seguir.

Abandonada pela família

Elina Machava, acolhida pelo Centro Dia Idosos de Hulene, dá seu depoimento de como foi abandonada agora na velhice pela própria família:



“Sou pobre e viúva. Vivo sozinha e nunca tive filhos. Quando o meu marido morreu, a outra esposa tirou-me a casa e tive que me refugiar no Hulene, onde consegui construir uma palhota. Quando chove, filtra água. A cobertura caiu e pedi ajuda da Acção Social, mas já passam três anos que não vejo ajuda. As paredes de caniço já estão cansadas. O meu vizinho emprestou-me algumas chapas de zinco para cobrir a casa. Caíram as paredes da casa de banho, por isso só faço necessidades e tomo banho à noite. Durmo na escuridão porque não tenho dinheiro para comprar vela ou petróleo de iluminação. Antes de abrir o Centro passava fome, porque já não tenho forças para fazer os negócios que me alimentavam. A pensão da Acção Social só chega para comprar matapa...”

Em 2008 foi aprovada a lei de Protecção Social às pessoas vulneráveis; neste caso das pessoas idosas, a pensão, que era inicialmente de 4 US\$/mês, passou para o equivalente a 10 US\$ por mês. Se compararmos com o salário mínimo mensal de 100 US\$, pode-se constatar a vulnerabilidade das mulheres idosas.

Acusada de ser feiticeira

Julieta Mathe, residente do Lar dos Desamparados, relata sua história:



*“Vivia na província de Maputo e sou mãe de cinco filhos. Trabalhava na minha machamba e vendia esteiras para o meu sustento. Estou no Lar há quatro anos porque o meu filho mandou-me embora de casa quando perdi o meu marido. O meu filho acusa-me de enfeitiçar a minha nora para não ter filhos, porque não sabe que quando está na África do Sul, onde trabalha, a minha nora toma anticonceptivos para evitar a gravidez. Mas por não ter filhos em casa, atira toda a culpa em mim. Os outros meus filhos pensam o mesmo, excepto a minha única filha que de quando em vez visita-me no Lar. Tento aproximar-me dos meus filhos, mas não aceitam e dizem que não me querem ver na casa que o pai deles construiu.”*³

Por que a acusação de feitiçaria recai sobre a pessoa idosa? Esta pergunta provocou uma resposta bastante judiciosa de Terezinha da Silva (2010):⁴

Acusa-se a pessoa idosa de feitiçaria, como quem está a matar a família para prolongar os seus dias de vida. Em certos casos, o objectivo é ficar com os bens do idoso, em nome da tradição e cultura.

Diante da pergunta *A violência contra os idosos é um facto novo?*, responde Terezinha da Silva (2010):

Se existiam no passado, não eram visíveis os casos de violência contra a pessoa idosa. É um fenómeno novo que deve ser combatido.

O HIV/SIDA também tem uma articulação muito triste com os conflitos familiares. Segundo a Coordenadora da WLSA:

³ *Apud:* jornal *Savana*, de 17/12/2010: 30-1.

⁴ Entrevista concedida por Terezinha da Silva (Coordenadora Nacional da WLSA Moçambique, Mulher e Lei na Africa Austral) ao jornal *Savana*, em 17/12/2010: 30-31.

A situação da sociedade moçambicana é alarmante, vista no contexto de HIV/SIDA com as altas taxas de incidência. Por outro lado, os problemas que os membros da família enfrentam (doenças, perda de emprego, esterilidade da esposa, desastres naturais da região onde vivem, dentre outras) precisam de ter um bode expiatório para justificar esses males. Geralmente a quem acusam é a mulher idosa vulnerável e sem mecanismos de defesa.

A violência contra a pessoa idosa é, sobretudo, doméstica e, por isso, difícil de ser diagnosticada, sendo quase impossível romper o silêncio da maior parte das famílias e dos próprios idosos. Muitas vezes, em defesa do agressor - um membro da família - a pessoa idosa se cala, omite e até mesmo justifica a agressão sofrida. Cumpre-nos, como analistas, romper com essa cumplicidade do silêncio e dar visibilidade, reconhecendo a existência de vários tipos de violências em todas as esferas da sociedade moçambicana e, quiças, em muitas regiões da África e do mundo.

Bárbaros Assassinatos

Algumas idosas ficam momentânea e tristemente famosas: viram notícia porque são assassinadas. Em outubro deste ano, duas anciãs acusadas de feitiçaria foram espancadas com paus até a morte pelos familiares, nos distritos de Nhamatanda e Búzi na província de Sofala. Só em Sofala, de janeiro a outubro, passados, cinco anciãos foram mortos por familiares e vizinhos.

Um dos casos recentes mais mediáticos foi o assassinato, em 2009, dos irmãos João e Percina Simbine, médicos tradicionais, acusados de ser feiticeiros e ter causado a morte de familiares.

Em Inhambane, o Centro da Massinga da igreja metodista alberga 56 idosos, dos quais 80% foram acusados de feitiçaria e expulsos de suas famílias.

Uma pesquisa de 2008 da HelpAge Internacional-Moçambique, em 5 comunidades no distrito de Chókwè, província de Gaza, encontrou, num ano, 110 casos de abuso de idosos, dos quais 64% eram de mulheres. O abuso mais frequente era a violência física (27 mulheres e 18 homens), acusações de feitiço (23 e 8), roubo e problemas de terras (15 e 14).

Em 2009, a HelpAge colocou paralegais e monitores nas comunidades para informar sobre os direitos dos idosos, questões de herança, lei de terras etc., e a situação melhorou um pouco. *“Os idosos são sábios quando nos convêm, e se não nos convêm, são objectos de violência”* observa Rosália Mutisse, da Helpage.

Silêncio e impunidade

Dentro da família extensa africana, conforme revela Mutisse (2010), os velhos são os que conhecem a linhagem e a história. Por um lado, muitos são chamados a participar dos eventos importantes da família, o lobolo, os rituais de iniciação, as heranças, as viagens, as terras e o gado, e a cuidar dos órfãos. Por outro, quando as coisas vão mal, os velhos é que são acusados como culpados.

“Eles deveriam evocar os espíritos para ter chuvas, boa produção e saúde”, disse Mutisse. *“Eles mesmo sentem-se culpados e não reagem às acusações.”*

As velhas têm maior dificuldade em reagir contra os abusadores, seja por debilidade física, ou para não criar problemas. Não apresentam queixa na polícia por falta de bilhete de identidade ou por medo da chantagem dos familiares. *“Não lhe darão água ou cadeira de rodas, e a pessoa idosa prefere engolir o abuso para não comprometer a reputação da família”,* explica Mutisse.

Lembrando que a Constituição sanciona a pessoa que abandona um familiar em estado de indigência, Mutisse defende sancionar legalmente os familiares que abandonam ou expulsam idosos, tal como são punidos os pais que abandonam uma criança. *“Os seus problemas são invisíveis, ninguém quer aturar eles, e os velhos ficam entregues ao sofrimento”,* reforça Mutisse.

Enquanto isso, a ausência de uma lei para punir acusações de feitiçaria assegura a impunidade dos acusadores: *“As pessoas não têm medo de acusar de feitiçaria porque a lei não defende o acusado. Precisamos de uma lei que assegure que a acusação injusta seja punida”,* afirma Justina Feliciano, directora do Centro Dia de Idosos do Hulene.

É de se destacar que as desigualdades de gênero começam, em Moçambique, logo na infância quando a menina não é tida como sujeito de direitos, não tem, pois, liberdade quanto ao lazer, à escolarização, sendo sujeita a violências de vários tipos como as uniões forçadas, a gravidez precoce, dentre outras. As meninas e a sociedade

em geral reproduzem, por socialização, estas desigualdades que se prolongam até a terceira idade. A tradição e a cultura da região moçambicana continuam perpetuando a subordinação da mulher.

Outras Violências

A epidemia do HIV e SIDA constitui um factor a mais na violência contra as idosas. Numa variante do mito tão manifesto de que sexo com uma criança cura SIDA, aumentam os casos de violação não apenas de crianças, mas especialmente de idosas, a fim de que o violador fique protegido do HIV, porquanto as mortes causadas pelo SIDA precisam de uma explicação sobrenatural, segundo Miguel Maússe, director nacional de Acção Social: *“Os jovens que não se cuidam do HIV, quando caem doentes, procuram o bode expiatório. Pensam: - Esta idosa não morre, usa-nos para sobreviver!”*, explica Maússe. Daí, à acusação de feitiço contra a idosa há um só passo. A feitiçaria, segundo o médico tradicional Silvestre Zita, é um *“pensamento maligno contra alguém, rancor e inveja, ou quando alguém utiliza plantas ou ervas medicinais para fazer mal ao outro”*. Maússe prevê uma tendência crescente e muito preocupante, por estas razões, de violência contra a mulher idosa. Não sem razão, no ano de 2011, o tema escolhido em Moçambique para o Dia Internacional da Pessoa Idosa foi: *“Não à Violência contra os Idosos”*.

O subsídio pago a 170.000 idosos pelo governo é de aproximadamente cem meticais por mês, o que apenas permite a compra de um quilo de açúcar e um de arroz, meio litro de óleo e uma barra de sabão. O subsídio é tão pouco que não estimula as famílias a valorizar a *vovó de casa*. *“Estamos cientes de que o valor é insuficiente, mas neste momento não estamos em condições de disponibilizar mais”*, defende-se a governadora da Cidade de Maputo, Lucília Hama.

Refúgio

Algumas idosas encontram aconchego e família nos 47 centros de apoio à velhice, entre públicos e privados, espalhados pelo país.

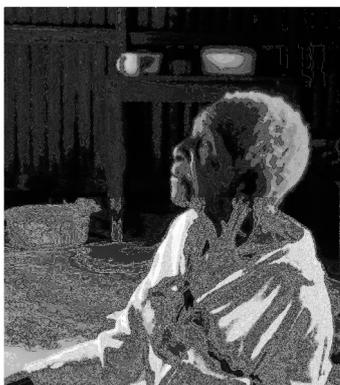
Um projecto-modelo é o Centro Dia para Idosos de Hulene, onde a cada dia 150 vizinhos recebem as refeições, têm assistência médica, aprendem artesanato, cestaria, ginástica e alfabetização. *“Eles têm uma sensação de realização quando estão nas aulas, pois é algo que não esperavam nas suas vidas”*, diz o Padre Anastácio Jorge Martins da Rocha, responsável do Centro.

O padre aponta vários factores por trás da violência contra os idosos: a pobreza, sendo os mais evidenciáveis, a perda de valores morais e de valores culturais africanos e a consequente desintegração das famílias.

Rosália Mutisse aponta a erosão de laços familiares, da cultura e dos valores tradicionais após a independência e durante a guerra civil de 16 anos. *“Vivemos numa sociedade muito egoísta, onde cada qual procura soluções para si e não partilha o que tem”*, conclui Maússe, da Acção Social.

O feitiço e as idosas

Segundo Fernando Mathe, porta-voz da Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique (AMETRAMO) (2010), as idosas são o principal alvo de acusações de feitiço. Segundo ele,



“Há quem diga que os curandeiros influenciam as pessoas a acusar de feitiço e matar os seus familiares...”

Mathe reconhece que alguns curandeiros fazem um diagnóstico muito triste e equivocado, afirmando que o sofrimento ou a falta de sorte é obra de uma pessoa mais velha da família.

Respondendo a uma pergunta sobre se este seria um fenómeno novo, ele responde:

Isto acontece porque a sociedade começa a interpretar os fenómenos de outra forma. Um curandeiro é confundido com feiticeiro. Algumas pessoas acham que somos demónios pelo facto de estarmos a praticar religiões diferentes. As pessoas falam mal de nós, mas nos procuram às escondidas para resolvermos vários problemas das suas vidas.

Justifica o trabalho desenvolvido pela AMETRAMO da seguinte forma:

Queremos apanhar os curandeiros que incitam a violência para os penalizar, até ao afastamento da prática de medicina tradicional. O curandeiro deve assumir a responsabilidade no banco dos réus quando desestabiliza famílias e incita à violência.

Diante da pergunta: *Quem sofre mais acusação de feitiçaria, homens ou mulheres?*, Mathe (2010) responde:

As mulheres são o principal alvo. É uma crença africana que basta ser velha para ser feiticeira. As pessoas tentam culpar as mortes por SIDA à pessoa idosa. Desprezam os conselhos dos mais velhos e depois acusam esse mesmo avô de feitiçaria porque está a viver muito tempo em troca da morte de familiares. Esquecem que elas é que não tomam precaução, envolvem-se em ambientes de curtição e bebedeira, o que propicia contraírem o HIV/SIDA. Elas deviam mudar de comportamento.

Lembre-se que a palavra feitiçaria⁵, tristemente atribuída às mulheres idosas moçambicanas em sua grande parte, designa a prática ou celebração de rituais, orações, ou cultos, com ou sem uso de amuletos, talismãs (objecto ao qual são atribuídos poderes mágicos) por parte dos adeptos do ocultismo, com vistas à obtenção de resultados/favores ou objectivos que, regra geral, não são da vontade de terceiros. Uma vez criada tal acusação a uma pessoa idosa pela própria família, não resta outra alternativa a essa idosa senão fugir de casa para sobreviver às consequentes torturas que, via de regra, lhe serão impingidas, levando-a inexoravelmente a seu fim.

Como resposta à pergunta *O que acha dos jovens em relação aos idosos?*, Mathe (2010) diz:

⁵ Fonte: Wikipedia.

Os jovens acham que são mais desenvolvidos. Para eles, o velho é ultrapassado. Acham que estudaram bastante e que são mais inteligentes que o pai ou avô. Crescem num ambiente de boas condições e tornam-se vaidosos. O avô, porque não foi à universidade, não pode ensinar nada.

A Coordenadora Nacional da organização “Mulher e Lei na África Austral” (WLSA-Moçambique), Terezinha da Silva, ao ser entrevistada sobre a situação da pessoa idosa em Moçambique, depõe:

Triste e lamentável. Sofre violência social. A pessoa idosa já não é considerada aquela “biblioteca viva”. A discriminação, que se manifesta da forma mais cruel pelo abandono por parte das famílias, agrava-se com as mulheres idosas.

Ao ser questionada sobre a diferença de situação entre os gêneros, quando em pior situação se vê a mulher idosa, ela responde:

A mulher idosa é mais vulnerável. É violentada desde a infância, obrigada a uniões forçadas, violentada sexualmente por membros de família, com falta de acesso à educação, o que a deixa num lugar de submissão. A condição de viuvez constitui uma dupla perda: do companheiro e dos seus bens arrancados pelos familiares do marido. No campo, a idosa perde o direito de decidir sobre a comercialização dos produtos que cultivou ou do gado que cuidou.

A educação é o caminho para se encaminhar a relação dos jovens com os velhos, na sociedade moçambicana, segundo Terezinha da Silva:

É preciso que se ensinem, aos jovens, os valores morais e o respeito, através da introdução da cadeira de direitos humanos no ensino. Deve-se promover também a figura positiva da pessoa idosa.

E quanto ao tratamento àqueles que promovem a violência contra a mulher idosa, Terezinha da Silva responde:

Deve-se dar tolerância zero à família que acusa a idosa de feitiçaria que culmina com a sua expulsão de casa ou mesmo morte. Deve-se levar essas famílias às barras da Justiça.

Considerações Finais

A violência contra a pessoa idosa é uma violação dos direitos humanos e manifesta-se muitas vezes, de forma invisível. Temos de romper com o pacto do silêncio que permite a violência contra as pessoas idosas, temos de fazer algo contra a acusação de feitiçaria, proibindo que pessoas, principalmente pessoas idosas, sejam acusadas de feiticeiros/as. Uma sociedade que trata mal os seus idosos é uma sociedade doente, é uma sociedade que rejeita o passado, que esquece as suas origens e que se está construindo sem memória.

No mundo de hoje, e em particular, em Moçambique, a velhice assusta. A velhice que deveria constituir uma fase tranquila das nossas vidas, resultante de anos de labor e dedicação, torna-se em muitos casos, um período de sofrimento e desespero.

A questão do envelhecimento é um fenómeno multidimensional, exigindo uma abordagem multidisciplinar e intersectorial, de forma a serem consideradas as necessidades fisiológicas e psicológicas das pessoas idosas. Igualmente o envelhecimento tem uma dimensão socioeconómica que se deve tomar em conta nas políticas. O grupo populacional de pessoas idosas é muito heterogéneo, mas uma questão primordial nas políticas sobre as pessoas idosas é a solidariedade entre as gerações. Somente assim, podemos alcançar a justiça social.

Referências

Camerano, A. (2005). *Sixty Plus: The Elderly Brazilians and their New social Roles*, IPEA, Rio de Janeiro.

Da Silva, T. (1998, November). Disaster, migration and older persons. *In: Ageing and Health, WHO*. Kobe, Japan

_____. (2005, junho). Assembleia Geral da APOSEMO, “Abuso à pessoa idosa”. Maputo, Moçambique.

_____. (2010, setembro). A violência social sobre as mulheres idosas. AG da APOSEMO. Maputo, Moçambique.

Gorman, M. *et al.* (s/d). Violence against older people and its health consequence: experience from Africa and Mozambique. Help Age International.

Governo de Moçambique (2011). Plano Nacional de Protecção e Promoção dos Direitos Humanos. Maputo, Moçambique (em aprovação).

Governo de Moçambique. Programa de Segurança Básica. Decreto 52/2011.

HelpAge Internacional (2007). Relatório-sombra ao relatório do Governo sobre a implementação do CEDAW. Maputo, Moçambique.

HelpAge International (2011, Setembro). UN debates older people's rights, issue 30.

Help Age International. (2011, Setembro). Why NCD strategies must include older people, issue 30.

Osório, C. (1999). Idosos: o destino das viúvas em Moçambique. Comunicação apresentada no Congresso Internacional sobre Família e Violência. Brasil.

Política para a Pessoa Idosa e Estratégia de sua Implementação (2006). Governo de Moçambique.

Resolução do Conselho dos Direitos Humanos das Nações Unidas. (2011, junho). 17ª sessão. Accelerating efforts to eliminate all forms of violence against women. Genève, Suisse.

Ralushai, N.V. et al. (1995). Interim report of the Commission of Inquiry into Witchcraft, Violence and Ritual Murder in the Northern Province.

United Nations. (2009, fev.). General Assembly Human Rights Council – Promotion and protection of all human rights, Civil, Political, Economic, Social and Cultural rights, including the Right to Development-Urgent Call to Protect Older Women and their Human Rights.

WHO (2002). World Report on Violence and Health. Genève, Suisse.

Recebido em 02/09/2011

Aceito em 30/09/2011

Mercedes Sayagues - Jornalista, Editora uruguaia que mora na África há 20 anos, especializada em gênero, saúde e direitos humanos. Atualmente é Knight Health Fellow em Moçambique, atuando como assessora em reportagens sobre saúde no *SAVANA* e em outros meios.

E-mail: mercedes.sayagues@gmail.com

Salane Muchanga - Jornalista do semanário *SAVANA* em Moçambique. Sua reportagem sobre “Vovós Feiticeiras” ganhou o Primeiro Prêmio da agência UN Women para a Melhor Reportagem sobre Gênero, categoria imprensa escrita, em 2011.

Terezinha da Silva - Coordenadora Nacional da WLSA Moçambique (Mulher e Lei na África Austral).

E-mail: terezinhanoddy@gmail.com e coord@wlsa.org.mz